

## **Interação Família-Escola: Papel da família no processo ensino-aprendizagem.**

*Liliana Correia de Lima*

*Pedagoga PDE*

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo expor um trabalho realizado na Escola Estadual Monsenhor Josemaria Escrivá, no município de Londrina-Pr, salientando a importância e necessidade de se oportunizar a interação entre a família e a escola, proporcionando suporte para os pais no acompanhamento do desenvolvimento emocional e intelectual de seus filhos. Primeiramente uma reflexão no embasamento teórico que norteará o trabalho, dando suporte ao mesmo. Trataremos também da afetividade, pois a aprendizagem só acontece, efetivamente, quando o sujeito constrói uma base afetiva sólida que lhe permita elaborar sua auto-estima em um autoconceito positivo. Por outro lado, vem refletir sobre a posição dos profissionais da educação nesta interação família escola, fazendo-se fator importante na elaboração e realização das atividades, e que a ausência destes profissionais debilita o trabalho, pois o professor é peça fundamental nesta interação, visto que está diretamente ligado ao aluno através do processo ensino-aprendizagem. E foi através da “Escola de Pais”, que pude desenvolver um trabalho visando à participação da família no processo ensino-aprendizagem. Serão descritas as ações realizadas nos encontros com os pais, onde ocorreram reflexões sobre o papel da família nesta interação. Reafirmando que a família e a escola são instituições que juntas podem melhorar as condições de aprendizagem, oferecendo suporte emocional e social necessário à aquisição do conhecimento.

**PALAVRAS CHAVES:** Interação Família-Escola; Família; Ensino-aprendizagem.

### Summary

This article aims to expose a State school work in Josemariá Escrivá, Município de Londrina-Pr, stressing the importance and necessity of chance the interaction between the family and the school, providing support for parents in the accompaniment of emotional and intellectual development of children. First a reflection with theoretical background that will guide the work, giving support to it. We'll discuss also the affectivity, because learning just happens, effectively, when the subject constructs an affective solid basis enabling it to prepare your self-esteem in a positive autoconceito. On the other hand, comes to reflect on the position of education professionals in this interaction family school, making sure important factor in the development and implementation of activities, and that the absence of these professionals weakens the work because the teacher is Keystone this interaction, because it is directly connected to the student through the teaching-learning process. And it was

through the "School of Parents", I could develop a work for family participation in the teaching-learning process. Are described the actions performed on encounters with parents, where occurred reflections on the role of the family in this interaction. Reaffirming that the family and the school are institutions that together can improve the learning conditions, providing emotional and social support necessary for the acquisition of knowledge.

## 1- A EDUCAÇÃO

. “Se antes, no comunismo primitivo, a educação coincidia com o próprio processo de trabalho, a partir do advento da sociedade de classes com o aparecimento de uma classe que não precisava trabalhar para viver, surge uma educação diferenciada. E é aí que está localizada a origem da escola. A palavra escola em grego significa o lugar do ócio” (SAVIANI, 1996, p.152).

A educação é um processo que vem se desenvolvendo ao longo dos séculos. É algo amplo e abrangente, que visa transmitir entre outras coisas, conhecimentos, valores, idéias e crenças. Nesse sentido pode-se dizer que a educação vai muito além da instituição escolar, ela permeia também outras instituições sociais como: a família, a igreja e o trabalho (PORTO, 1987).

Se a educação está intrinsecamente ligada às instituições sociais, não há meios de entendê-la fora delas, ela é um processo social. Há que se entender a educação como parte de um contexto social, enquadrada neste contexto; mas principalmente como refletora das idéias dominantes presentes.

Nesse sentido, a educação é um processo social que se enquadra numa concepção particular de mundo, a qual, por sua vez, determina os fins a serem atingidos pelo ato educativo e esses fins refletem o espírito da época e as idéias coletivas dominantes; daí ser possível repetir como Durkheim que não é possível uma educação ideal, perfeita, homogênea e adequada a todos os homens em todos os tempos, porque esta só pode ser definida tendo em vista uma situação concreta de uma sociedade historicamente determinada (PORTO, p. 2, 1987).

Embora tenha dito que a educação é um processo arraigado em diversas instituições sociais, neste trabalho focalizo a escola em particular, que como qualquer outra instituição é produto e produtora de uma determinada realidade social. Desta forma ela também é responsável por transmitir formas de compreensão do mundo, que por sua vez são as da classe dominante, assim a escola acaba por desempenhar um papel de mantenedora da ordem social.

Porto (1987) aponta que o surgimento da escola se deu no seio do liberalismo, que pregava a liberdade política, religiosa, econômica, intelectual e igualdade civil. A doutrina liberal vai ao encontro das idéias do capitalismo nascente. Assim com a consolidação do capitalismo, a diferença entre as classes sociais se tornou cada vez mais clara, e a escola foi um dos palcos desta segregação social. Depois surge a escola tradicional que era extremamente individualista e não tinha por finalidade ou objetivo promover uma reflexão crítica dos problemas sociais, o seu objetivo primordial era formar indivíduos capazes de atender a demanda capitalista. Na escola tradicional o aluno atuava mais como uma “esponja”, absorvendo todo o conhecimento que é detido pelo professor; aí se estabelece uma relação rígida, de poder, entre professor e aluno.

Porém na década de 1930, ocorreram mudanças significativas no campo da educação e do ensino, surgiram às chamadas Escolas Novas que empregavam uma educação de cunho progressista, que buscava mudanças e não intensificação da realidade social vigente. Deste modo a função social da Escola Nova seria de promover mudanças (SOUZA, 1997).

Há uma mudança também na relação professor- aluno à escola tradicional, na escola progressista esta relação é mais maleável, pois o professor atende a demanda do aluno na busca da construção do conhecimento. Houve também o surgimento de mais um tipo de escola, a escola tecnicista que priorizava a formação de técnicos, ou seja, de pessoas capazes de exercer a mão de obra especializada, que visa atender as demandas da sociedade industrial.

## 1.1 A LEI

Concomitantemente ao surgimento da escola de bases progressistas em 1930 é que surgiram as primeiras preocupações em relação à criação de uma política educacional consistente no Brasil: em 20 de dezembro de 1961 foi sancionada e promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (SOUZA, 1997).

Com o militarismo no poder, o sistema educacional brasileiro sofre mudanças significativas a fim de atender o interesse das camadas militares. Nesse período o sistema de educação brasileiro encontrava-se exclusivamente sob o poder da União. Com a Constituição de 1988, a educação passou a ser de competência comum da União, dos estados, do distrito federal e dos municípios (SOUZA, 1997).

A LEI de DIRETRIZES e BASES da EDUCAÇÃO NACIONAL, (LDB-lei nº 9.394/96) é em sua essência, o instrumento que define os objetivos e prioridades bem como as condições ou meios que devem reger a política educacional do país (DEL PRETTE, 1999, p. 11), promulgada em 20 de dezembro de 1996, que vigora até o dia de hoje, em seu Artigo 1º, no que diz respeito à Educação:

**Art. 1º.** A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organização da sociedade civil e nas manifestações culturais.

**§ 1º.** Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

**§ 2º.** A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Dos Princípios e Fins da Educação Nacional:

**Art. 2º.** A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento de educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

SOUZA (1997) ainda define a LDB como a lei que determina os fins da educação, os caminhos a serem percorridos e os meios adequados para atingi-los, enfim, regulamenta a Educação Escolar Nacional. A nova LDB também prioriza a divisão de educação em ciclos, sem terminalidade, ou seja, propõe uma avaliação mais ampla do desempenho escolar, visando além dos objetivos tradicionais da escola, o desenvolvimento de outras habilidades, atitudes e valores

## 1.2 GESTÃO DEMOCRÁTICA

Uma gestão democrática e participativa, conta com a participação efetiva de todas as instâncias colegiadas, Conselho Escolar, APMF, Grêmios Estudantil, Conselho de Classe, pais e alunos fortalecendo a criação de uma cultura da participação de todos (Libâneo, 2004), num processo de reflexão/ação/reflexão sobre a realidade. Refletindo sobre o papel da escola pública sob a perspectiva da universalização, fortalecendo os segmentos para que estes exerçam a cidadania e a função do controle social e conquista de políticas públicas, num processo de tomada de decisão com o compromisso coletivo com e para o coletivo.

Para Candau, uma escola democrática, no caso brasileiro, é aquela que permite o acesso ao conteúdo que dará ao aluno condições de apreensão a compreensão da realidade, de modo que ela possa participar não só da

produção cultural, mas também dos processos de formação social (CANDAU, 2002).

. A escola deve se tornar dinâmica, democrática, reflexiva e mobilizar toda a comunidade escolar para enfrentar e resolver os problemas através da análise da real situação, identificando as prioridades e propondo metas a curto, médio e longo prazo, definindo desta forma, ações educativas com o compromisso de formar cidadão.

## **2. A FAMÍLIA, A ESCOLA E SUAS ATRIBUIÇÕES**

Quando se define uma família, logo se incluem em sua definição os membros do grupo familiar e sua estrutura, os vínculos que mantêm e as funções que esta instituição possui. Em relação a sua estrutura, fala-se em geral da família nuclear ou conjugal e da família extensa (MUSITU e COLS., 1998).

A família nuclear ou conjugal é formada pelo casal e pelos filhos. Na atualidade e nas sociedades desenvolvidas, é uma das estruturas mais encontradas, desde que as famílias extensas<sup>1</sup>, devido as mudanças na organização da vida e da fixação em núcleos urbanos, perderam muito vínculo que antigamente possuíam e preservavam.

Uma consideração pertinente é a de que a estrutura típica da família nuclear e a distribuição também típica dos papéis dentro deste núcleo (em que o pai assume o trabalho externo e a mãe, o trabalho doméstico e a criação dos filhos) não se ajustam, hoje em dia, a muitas unidades familiares. As mudanças na maneira de viver, a incorporação da mulher no mercado de trabalho (devido às dificuldades sócio-econômicas em algumas famílias), os divórcios e as separações, o estado de mães solteiras, os casais formados por pessoas do mesmo sexo, etc., têm contribuído para que a família nuclear esteja exposta à transformações na própria estrutura familiar e os papéis que desempenham cada membro da família em relação à educação de filhos. As famílias com um

---

<sup>1</sup> A família extensa refere-se aos lares em que convivem mais de um núcleo conjugal (PRADO, 1985, p. 11).

só progenitor e as famílias reconstituídas são cada vez mais habituais na nossa sociedade. Os lares mono parentais, nos quais convivem um só genitor com seus filhos, constituem 10% de todos os lares e cresceram 43% desde 1970 (CARLOTO, 2005, p. 1-5).

Com esta diversidade de estruturas, ainda se tem uma imagem ideal de família, imagem que permeia o imaginário da escola e da sociedade que, de fato, não corresponde à realidade de muitas delas. Não se pode afirmar que estas novas estruturas familiares sejam causas, tão somente, de uma possível não aprendizagem ou de possíveis fracassos escolares. É importante destacar que a participação da família é algo inerente ao processo ensino-aprendizagem e não o único. Precisamos aproximarmos do estudo da família sem prejuízos morais, sem determinismo, com uma atitude aberta que permita entender em que medida as experiências de seus membros favorecem o desenvolvimento. Assim, Schaffer (1990) considera que a natureza das relações interpessoais é o fator chave para o desenvolvimento da criança nas famílias, independente da estrutura familiar.

A família durante muito tempo deixou de ser objeto de estudos, no entanto é na família que se pode vivenciar a primeira fonte de amor e contato de vida. É nela que a criança aprende a se humanizar e a viver intensamente esse sentimento, que os pais transmitem aos filhos e às gerações seguintes

A escola é uma grande parceira da família ou a família é a grande parceira da escola. Tanto faz a ordem em que se coloque, pois o mais importante é que ambas cumpram com seu papel de educador.

“Participação não é resultado de processos automáticos e espontâneos, mas de uma conquista diária e consequência do fortalecimento da responsabilidade dos indivíduos” (PELLEGRINI, 1999, p. 26).

Tanto a família quanto a escola deve viabilizar relações pautadas na afetividade e no adequado desempenho de papéis. As crianças ao viverem ora como aluno, ora como filho, aprendem as normas sociais e éticas e compreendem o seu lugar no mundo. Se os adultos se eximirem da sua tarefa

educativa, a criança encontrará dificuldades na construção do ser “sujeito” e dificilmente entenderá o mundo e seu funcionamento. O que uma família tem que fazer nenhuma escola consegue substituir, por melhor que seja; o que a escola tem que fazer as famílias não conseguem, mesmo sendo educadoras.

A família tem o papel de acolher a criança e promover individualização e pertencimento. No convívio diário, nas conversas, na forma de proceder diante das rotinas da dia a dia é que a criança compreende os mitos, as crenças, os ritos de sua família, assim como a forma deles de viver e conviver.

“Essas crianças afirmam os seus dotes de observação, aprendem a fixar-se nas coisas e, muitas vezes, alcançam autonomia na realização de determinadas tarefas valorizadas na família, utilizando, basicamente, estratégias de observação” (ROGOFF, 1983, p.158-160).

A criança garante um papel na ação, mesmo que seja o de observadores próximos. Quietas e observadoras, escutando, assistem os acontecimentos habituais e os mais críticos da vida de sua comunidade familiar.

A escola tem o papel de socializar o conhecimento e as relações. Ela precisa promover um espaço educativo propício aos riscos de acertar e errar, de levantar hipóteses, de discorrer o pensamento, enfim um espaço de aprendizagem. Esse contexto é individual e coletivo, é solitário e participativo. Torna-se, portanto, fundamental o grupo, as trocas e as diferenças. Diante deste movimento, é fácil entender que o grupo funcionará regido por normas e por regras de funcionamento, colorido pelo tom e pela temperatura das relações afetivas.

A escola é uma instituição do domínio coletivo, dos grupos, das trocas, e a família é o domínio do mais reservado, do particular e do específico. Tanto os pais como professores devem ter claro que a afetividade, é construída a partir da qualidade das relações que a criança estabelece e é determinante para a construção da personalidade (WALLON, 1975). À medida que a criança



vai crescendo e se desenvolvendo, vai ampliando sua capacidade relacional e afetiva, a afetividade se manifesta através das emoções e dos sentimentos.

O que organiza as relações são os limites, as fronteiras relacionais que estabelecemos com as pessoas. Fronteiras nítidas desenvolverão relações adequadas e respeitadas. Fronteiras difusas desenvolverão relações misturadas e caóticas. As fronteiras rígidas desenvolverão relações distanciadas e autoritárias. Portanto, deve-se prestar atenção em como estabelecer as relações, não apenas promover autonomia ou simplesmente controlar alunos e filhos, um encurtamento do caminho para não se estressar.

A escola deve abrir cada vez mais espaço para a participação da família, a ponto de serem co-autoras nas decisões administrativas e nas pedagógicas, o que contribui para o favorecimento da aprendizagem.

A participação da família, incentivada pela escola, permite ao aluno a integração ao ambiente escolar, possibilitando um melhor aproveitamento nos estudos acadêmicos.

A educação é um processo de mudança do qual a família, primeiro meio social da criança, precisa fazer parte, e esta participação deve acontecer por meio do auxílio e da motivação no processo de estudo.

Sendo assim a família e a escola são agências socializadoras que, apesar de distintas, buscam atingir objetivos complementares.

“A parceria família escola é fundamental para que ocorram os processos de aprendizagem e crescimento de todos os membros deste sistema, uma vez que a aprendizagem não está circunscrita à conteúdos escolares”(BARTHOLO, 2001, p.23).

Nesta afirmação, a autora deixa claro que existe uma necessidade de interação entre as duas instituições, pois toda a criança tem sua história de vida, a qual deve ser conhecida pelos educadores que atuam diretamente com ela, podendo assim compreender melhor seus alunos e traçar estratégias eficazes para superar possíveis problemas.

É importante que a escola tenha um discurso condizente com sua

prática, o discurso que está presente tanto nas falas das pessoas envolvidas, como também nos documentos da escola, por isso entendemos que é necessário frisar a importância de construir e realimentar um projeto coletivo na escola, haja vista que quando escrevemos sobre as metas que queremos alcançar e ações que vamos utilizar, o trabalho fica mais claro e todos os envolvidos (pais, alunos, professores, equipe técnica pedagógica e demais funcionários da escola) se sentem mais seguros para agir.

É necessário que os educadores tenham este conhecimento em mãos, conscientizando-se da importância da participação das famílias no processo ensino-aprendizagem, podendo criar estratégias que possam garantir um maior número de famílias participando dos Órgãos Colegiados, das Reuniões propostas pela escola, garantindo sua participação na Gestão Escolar. Escola e família são duas instituições que são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano na medida em que efetivam sua inserção no meio social.

A família possui uma função que partilha com a escola, a de ensino-aprendizagem, as duas instituições esperam contribuições recíprocas para poderem desempenhar com eficácia seus papéis. A escola, por sua vez, tem tido como função responsabilizar-se pelo percurso escolar dos indivíduos, favorecendo a aprendizagem de conhecimentos sistematizados construídos pela humanidade e valorizados em um dado período histórico. Caracteriza-se, assim, como uma importante agência educacional e socializadora complementando o trabalho desenvolvido pela família.

Por outro lado, mais recentemente, tem-se procurado atribuir às famílias a responsabilidade por complementar o trabalho realizado pela escola, o que inclui o desenvolvimento de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos por um determinado grupo cultural. Assim, se antes escola e família tinham objetivos que aparentemente não se interpenetravam, agora passam a ser vista agências socializadora que, apesar de distintas, buscam atingir objetivos complementares.

O lugar da família está em contribuir com amor e desprendimento, a cada momento, na construção de um ser independente, criativo, livre (capaz de fazer escolhas), justo e feliz, dando prioridade à comunicação estabelecida na

família através de um diálogo aberto a questionamentos e às mudanças. O lugar da escola está em educar para a democracia no sentido da construção de um ser reflexivo, crítico, criativo, garantindo a aprendizagem dos conhecimentos necessários para a vida em sociedade, contribuindo no processo de inserção social das novas gerações.

Assim, a função da família e da escola complementa-se na construção de um ser humano mais participativo e mais consciente. As relações entre a escola e a família têm se modificado muito nos últimos anos, passando por períodos de rápidas mudanças. A escola mudou, a família e a sociedade estão em constantes mudanças. Existiu um tempo, na história da educação brasileira, em que a família confiava plenamente na escola, estabelecendo até uma cumplicidade, outro tempo em que a família passou a criticar a escola e atualmente nos deparamos com famílias que transferem todas as responsabilidades à escola.

Muitos educadores culpam a Família pelos problemas educacionais, mas é importante refletir no que leva a Família a ausentar-se dos aspectos relacionados à educação de seus filhos, como já antes citado.

Dentro deste breve panorama, é possível elencar algumas situações, citadas por VASCONSELOS(1994, p. 76), que envolvem a relação escola e família:

**Superar o empurra-empurra** No tratamento da questão do relacionamento escola-família, há um risco seriíssimo de se cair no jogo “empurra-empurra”, de um lado os professores dizem que os pais é que são os grandes responsáveis pelos problemas existentes em sala de aula, de outro lado os pais é que culpam os professores pelos problemas enfrentados pelos filhos, e a escola ainda culpa o sistema pela má qualidade de ensino. Podemos dizer que é preciso superar este jogo, pois não se trata de buscar o culpado, isto só leva ao desgaste e ao imobilismo frente ao problema existente. Ao contrário, faz-se necessário vislumbrarmos o compromisso de cada parte, dentro de uma visão de totalidade, buscando que cada um assuma suas respectivas responsabilidades.

**Pressão dos pais.** Numa perspectiva democrática de organização da escola a participação de todos os segmentos da comunidades educativa é

fundamental. Mas, é preciso analisar cada solicitação da comunidade atendida, para que a escola não ceda às cobranças equivocadas. Cabe aos educadores a responsabilidade social de desempenhar conscientemente esta função de análise. É importante que a escola trabalhe com a conscientização dos pais. Para uma verdadeira participação consciente, através de uma comunicação clara sobre as propostas e a prática pedagógica da escola. Quando a Família é orientada, no sentido de perceber a importância de seu papel para o bom desenvolvimento da educação escolar, fica mais fácil visualizarmos práticas concretas de uma participação efetiva.

VASCONCELOS (1994, p. 77) também nos mostra exemplos de participação efetiva, como: Apoiar as mudanças da escola; não ficar com saudosismos: no meu tempo participar da vida da escola (Conselho de Classe, APM, reuniões, grupo de mães, grupo de reflexões, acompanhamento de alunos, reforço escolar, etc.) era diferente.

Os profissionais pais podem colocar sua especialidade à serviço da escola (ex: pais médicos, professores, padeiros, marceneiros, artistas, psicólogos, jardineiros, entre outros) -Procurar superar a contradição entre a educação doméstica e a educação escolar (ter valores comuns de respeito, verdade, justiça, trabalho, liberdade, diálogo, etc.) -Não ver a escola como um “mal necessário” para garantir a ascensão social, mostrar que através da escola podemos colaborar para a transformação do mundo que aí está, no sentido de construir uma sociedade mais justa e solidária.

Em contrapartida, cabe à escola aproveitar as reuniões de pais como momentos de interação de relação escola e família, abolindo a simples entrega de notas. Entregar notas na reunião acaba por se tornar momento de destaque de um ou outro. A reunião de pais, além de poder vir a ser um momento de interação e de conhecimento, também pode ser um espaço de luta dos vários envolvidos com o processo de construção da sociedade que queremos, em favor de condições mais dignas de existência: educação, saúde, habitação, melhorias no bairro, entre outros.

**Sentido para o estudo.** A escola sozinha não consegue dar conta da recompensa da importância de estudar. Atualmente encontramos frases vindas dos alunos, dizendo que o tio estudou tanto e agora está desempregado. Outra

frase que se ouve: não vou estudar porque o meu pai nem estudou e está bem de vida.

Para que a escola consiga dar um novo sentido para o estudar é preciso que haja colaboração dos pais, no sentido da vida, no sentido de ajudarem os filhos e pensarem sobre o verdadeiro sentido da vida, possibilitando uma reflexão sobre um real projeto de vida alicerçados em objetivos e perspectivas comprometidas com a transformação social.

**A questão dos limites.** Percebemos que cada vez mais os alunos vêm à escola com menos limites trabalhados pela família. Isto fica claro quando escutamos frases como esta: “Pode bater, pode fazer o que quiser, eu já não posso mais com ele”. Com isso, podemos dizer que os pais acabam por exigir da escola uma postura autoritária. É tarefa da escola ajudar os pais a entender que existem alternativas, que superam o autoritarismo e também o permissividade. Deve-se esclarecer aos pais a concepção de disciplina valorizada pela escola, buscando minimizar a distância entre a disciplina domiciliar e escolar.

“A família pode ajudar na construção da disciplina, através de algumas práticas: re-adquirir a prática do diálogo, ser capaz de impor limites, estabelecer horários, superar a oscilação entre a permissividade e o autoritarismo, estabelecer e cumprir limites (dialogando, chegar a limites razoáveis), não ceder diante da insistência ou chantagem, nunca dizer não sem explicar o porquê, não acobertar erros dos filhos, incentivarem os filhos a terem uma postura crítica, acreditar nas possibilidades do filho, desenvolver uma pedagogia de participação, atribuir responsabilidades aos filhos, entre outras” (VASCONCELOS, 1994, p. 82).

Observando todos estes aspectos detalhados pelo autor, podemos criar condições, dando oportunidades de a família tomar conhecimento, refletir e possivelmente colocá-los em prática junto à escola. O trabalho em conjunto, escola e família podem diminuir o

fracasso escolar, se trabalhado de forma a atingir o sucesso do aluno, pois culpar tão somente a escola ou o aluno ou ainda a família, não é um caminho coerente, quando se trata de ensino-aprendizagem, pois a escola, o aluno e a família deste aluno são peças fundamentais na educação, juntamente com aspectos culturais, sociais, pedagógico, orgânico, etc.

### **3. EDUCAR PARA AMOROSIDADE, AMOROSAMENTE**

“A criança é um pergaminho totalmente escrito com pequenos hieróglifos, dos quais você só poderá decifrar uma parte. Chegará a apagar alguns ou a sublinhar outros. A fim de aí inserir o seu próprio texto”(KORCZAK, 1997, p. 31).

A dedicação no trabalho com criança e adolescentes exige do educador e dos pais compreender todos os aspectos relacionados a eles, como o médico e educador polonês Janusz Korczak, pioneiro no direito infantil e que valorizava o saber das crianças. O polonês pregava o respeito a todos independente da idade. Para ele, a criança era um ser especial, merecedor de nosso amor e atenção, não como um futuro homem ou futura mulher, mas na sua especificidade.

“Ainda que eu falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos sem amor, eu nada seria...” (ALMEIDA, J. F. II COR. Cap.13 verso 01).

O texto da carta do apóstolo Paulo aos Coríntios evidencia o amor como uma linguagem maior, subjacente a tudo que dá sentido à existência do ser humano. Segundo Fromm, “Sem amor a humanidade não poderia existir um só dia (2000, p. 21).

A linguagem do amor, ao mesmo tempo que é aprendida, se torna suporte imprescindível para outras aprendizagens, isto porque a aprendizagem só acontece, efetivamente, quando o sujeito constrói uma base afetiva sólida que lhe permite elaborar sua auto-estima em um alto conceito positivo.

Na perspectiva amorosa, tanto os pais como os educadores devem estar abertos e disponíveis a seus filhos/alunos, estreitando os vínculos para que eles possam alcançar e aprimorar as suas potencialidades.

Para educar amorosamente é necessário acolher o sujeito/filho/aluno como alguém que precisa do nosso cuidado, de nossa atenção, de nossa responsabilidade, de nosso respeito, de nosso conhecimento.

Quando agimos com cuidado e atenção, trabalhamos para que para que não falte o necessário para o desenvolvimento integral dos filhos /alunos. É o contrário do desleixo e da negligência.

A responsabilidade, entendida como um ato inteiramente voluntário e autônomo é a resposta que damos às necessidades, expressas ou não, de outro ser humano (FROMM, 2000, p.40). Em se tratando de filhos/ alunos, significa atendê-los, responder a eles em suas questões, auxiliá-los em suas dificuldades.

“Amor é preocupação ativa pela vida e pelo crescimento daquilo que amamos” (FROMM, 2000, p. 30).

O respeito exige esmero, o fazer pelo outro tudo que estiver ao alcance, para que ele possa tornar-se o que é tendo sempre como meta o que poderia ser.

“Talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até a sua própria altura, até o melhor de suas responsabilidades” (LARROSA, 2000, p.45).

O conhecimento é a condição para se alcançar o comprometimento e a competência necessária para o cuidado, a responsabilidade e o respeito se realizem com excelência cada vez maior. Conhecer o outro é também caminho

para conhecer a si mesmo. Assim os pais e os educadores, em uma atitude de amor para com os filhos/alunos, devem ter também a mesma postura para consigo mesmo.

A relação educativa com intenção amorosa, no sentido de doar-se, de colocar-se no lugar do outro, para compreender o outro, é uma perspectiva que visa a formação autônoma e crítica da criança, quando está sendo aluno e quando esta sendo filho, que não mais serão secretamente educados para a indiferença para com o outro, para com a sociedade.

Educar para a amorosidade e amorosamente, deve ser um dos principais objetivos educativos, com isto há uma oportunidade para que os filhos e os alunos possam se tornar sujeitos mais humanos, responsáveis e desejosos de um mundo cada vez mais justo.

#### **4. ENTENDENDO A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: A Partir da Experiência em uma Escola Estadual de Londrina-PR.**

Hoje, a forma e a intensidade das relações entre escolas e famílias variam enormemente, estando relacionadas aos mais diversos fatores: estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, etc.

A Secretaria de Educação do Estado do Paraná vem desde 1995 implementando nas escolas de rede pública que oferecem Ensino Fundamental e Médio, a chamada *Gestão Compartilhada*, que tem como objetivos centrais: a divisão da responsabilidade de gerir, a escola com a comunidade, a conquista da excelência na educação através da modernização das estratégias de organização e a adequação às reformas que vêm sendo feitas no papel do Estado. O documento “Plano de Ação da Secretaria de Estado da Educação do Paraná” (1995-1999) que apresenta a proposta desta secretaria, afirma que “toda a escola paranaense deve ser um centro de excelência”, e define excelência como:



[...] um grau de qualidade que responde às expectativas dos envolvidos no processo e que assegura os efeitos desejados dentro da escola e na comunidade externa, a partir dos resultados produzidos no coletivo. Portanto, excelência é o processo de aperfeiçoamento contínuo, orientado por dois critérios: satisfação e efetividade( PLANO DE AÇÃO SEED, 1995-1999)..

No âmbito da unidade escolar há necessidade de a comunidade participar efetivamente da gestão da escola de modo a que esta ganhe autonomia em relação aos interesses dominantes, e isso só terá condições de acontecer, como diz Paro:

[...] medida em que aqueles que mais se beneficiarão de uma democratização da escola puderem participar ativamente das decisões que dizem respeito a seus objetivos e às formas de alcançá-los (PARO , 1998, p. 228).

Não basta, entretanto, ter presente a necessidade de participação da família na escola, é preciso verificar em que condições essa participação pode tornar-se realidade.

Mediante essa preocupação foi realizado uma pesquisa(em anexo) junto a algumas famílias, com o objetivo de examinar os problemas e perspectivas que se apresentam à participação dessas famílias na E. E. M. Josemariá Escrivá, que atende o ensino fundamental de 5ª a 8ª série, na cidade de Londrina-PR, num bairro de periferia urbana com população de baixa renda. Como resultado da entrevista percebe-se que há condicionantes imediatos da participação da família à unidade escolar, essa participação é geralmente determinada pelos seguintes elementos

**A- condicionantes econômico-sociais**, ou as reais condições de vida da população, com isto não sobra tempo, nem se tem condições materiais e nem disposição pessoal para participar junto à escola;

**B- condicionantes culturais**, ou a visão das pessoas sobre a viabilidade e a possibilidade de participação, movidas por uma visão de mundo e de educação escolar que lhes favoreça a vontade de participar;

**C- condicionantes institucionais**, no bairro não há instituições coletivas ativas como Associação de Bairro, Centro Comunitário, etc., institucionalizados ou não, dos quais a população pode dispor para encaminhar sua ação participativa.

Entre os possíveis condicionantes maiores, pode-se ressaltar a falta de conhecimento sobre a importância da participação da família no processo ensino-aprendizagem e espaço escolar. Alguns pais não têm claro que sua participação na escola, serve como apoio necessário para o trabalho dos educadores de seus filhos.

Ainda encontramos professores que acreditam que se os pais participassem mais efetivamente, trariam mais problemas e muito mais trabalho, com isto percebe-se ao mesmo tempo em que alguns educadores reclamam da não participação dos pais na educação, porém dificultam a relação família escola, tornando-a necessária e não necessária ao mesmo tempo, sem buscar um compromisso com uma verdadeira educação.

É um traço profundamente negativo o fato de a população não se sentir compromissada com suas próprias soluções, atirando-as sobre o governo. A escola não é reconhecida como interesse próprio, como direito fundamental, mas tão somente como dever do Estado (PEDRO DEMO, 1993, p. 68).

A história cultural das famílias entrevistadas mostra uma grande ruptura na escolaridade dos pais, e até mesmo nos casos que a escolaridade era mais alta, eles voltaram à escola depois de adultos, quando sua condição sócio-econômica permitiu este investimento. A maioria dos pais trabalha fora, marcada pela instabilidade e as mães que trabalham fora mostraram viver uma sobrecarga, o que tem dificultado sua participação na escolarização dos filhos da maneira como gostariam.

Muitos pais não comparecem às Reuniões de Pais e Mestres, pois se sentem deslocados, achando-as chatas, cansativas e demoradas, gerando desinteresse na maioria. Por outro lado, de acordo com o Regimento escolar, a reunião, além de ser uma função dos pais, é também um direito em prol da gestão democrática da escola; mas os pais questionam a forma como vem sendo realizadas estas reuniões.

Oliveira (1999) afirma que as Reuniões de Pais e Mestres, ou as destinadas à entrega de boletins, em que os assuntos versam sobre comportamento e baixo rendimento escolar, acontecem de forma que as pessoas envolvidas apenas legitimam relações sociais existentes, havendo de um lado, a cobrança dos professores e, do outro, o afastamento dos familiares.

Um dos aspectos abordados na entrevista, que também merece destaque é o que diz respeito ao Projeto Político Pedagógico da Escola e o Regimento Escolar.

Para que a prática educativa real seja uma práxis, é preciso que ela se dê no âmbito de um projeto. A escola é o lugar institucional de um projeto educacional (SEVERINO, 1998, p. 85).

Os pais nunca se interessaram em tomar ciência do conteúdo do PPP (Projeto Político Pedagógico), este norteador das ações pedagógicas da escola. Quanto ao Regimento Escolar, alguns pais já tiveram contato, no início do ano letivo.

## **5. Conscientização do apoio do Professor**

Este item foi tratado na apresentação da proposta de intervenção, do projeto **“Interação Família Escola”** à equipe diretiva e aos professores da escola, na reunião de capacitação do dia 04/02/09. Apesar de apreciarem a apresentação do projeto e afirmarem a necessidade da implementação, notou-

se uma falta de disposição e interesse, por parte da maioria dos professores, em montar um grupo de apoio, onde estudaríamos a proposta e nos fortaleceríamos no assunto, com a intenção de facilitar o trabalho a ser realizado na interação família-escola. Mesmo pedindo esta interação, os professores distanciaram-se de qualquer compromisso com o projeto, deixando-o totalmente em minha responsabilidade. Então pude perceber a resistência de muitos professores, pois a escola tem dificultado a interação com a família, sendo que o professor deveria ser o primeiro a se dispor, abrindo espaço para que a família possa interagir com a escola, na intenção de melhoria na aprendizagem. Sendo assim, mudei a estrutura do projeto, onde eu, e uma possível parceria, pudéssemos estar articulando a interação com a família, formando pequenos grupos de pais, onde discutiríamos aspectos relevantes à educação, os quais irão contribuir nesta relação família-escola, dando ferramentas para que pais possam acompanhar a aprendizagem de seus filhos.

## **7. ESCOLA DE PAIS:**

Os encontros da Escola de Pais foram realizados, primeiro com uma reunião em maio e outras quatro no segundo semestre de 2009, no período da manhã, num total de cinco reuniões, nas dependências da escola. Para estas reuniões foram convidados os pais e responsáveis pelos alunos, via convite especial (em anexo) e também os professores, que estavam em hora atividade, para participar dos encontros. Tivemos uma presença significativa em alguns encontros, pois ainda os pais se sentem inibidos a participarem na vida acadêmica de seus filhos.

### **1º ENCONTRO- Uma parceira que pode dar certo – Relação Família Escola.**

Com base na necessidade de participação dos pais, na vida escolar de seus filhos, a escola Monsenhor Josemaria Escrivá proporcionou às mães um café matinal, onde pudemos homenageá-las pelo “Dia das Mães”, e aproveitando esta data, em que muitas estiveram presentes, trabalharmos

alguns aspectos referentes às funções que elas desempenham na educação de seus filhos, juntamente com a escola.

Convidamos o padre Rock para uma devocional e estar tratando dos seguintes assuntos: mães devem manter-se informadas sobre os resultados obtidos pelos seus filhos, na escola; colaborar com os professores para tornar mais coerente e eficaz a atuação escolar; mostrarem-se interessadas pelas atividades realizadas pelos seus filhos, na escola; valorizar a escola, os conhecimentos e habilidades que propicia para criar nos filhos hábitos de respeito e uma expectativa positiva em relação aos estudos; expressar em palavras e atitudes a confiança que têm na instituição escolar e em seus docentes; procurar saber o que o filho realizou na escola e como foi o seu dia; zelar por uma relação de carinho e respeito com os professores, pois a opinião dos pais influi sobre os filhos; observar seus materiais escolares e mediá-los nas tarefas de casa; resolver problemas entre família e escola e reforçar sempre a auto-estima e autoconfiança de seus filhos, elogiando-os e comentando com amigos, parentes e familiares os êxitos escolares deles, nem que seja pouco o que o filho conseguiu, já é um bom começo. Que ao estarmos engajados a cumprirmos com estas tarefas, estamos acima de tudo demonstrando que amamos nossos filhos e que temos cuidado para com eles(texto em anexo).

## **2º ENCONTRO: Aula dada, aula estudada - Estudando o texto da entrevista com o neuropedagogo Pierluigi Piazzzi.**

Neste encontro, tratamos do assunto de uma entrevista com o neuropedagogo Pierluigi Piazzzi, para o jornal Folha de Londrina (em anexo), na página da educação, com o título "Aula Dada, Aula Estudada"; expressão utilizada pelo neuropedagogo que defende a necessidade de estudos solitários para aprendizado eficaz.

Segundo Piazzzi, alunos precisam estudar todos os dias, caso contrário, até pode ir bem nas provas, mas acabam esquecendo tudo depois. Piazzzi destaca ainda o papel da família no desenvolvimento da inteligência da

criança. A apresentação se deu no data show, e cada resposta dada pelo neuropedagogo era discutida com os pais presentes, procurando ver a concordância com a realidade escolar de seus filhos.

Os pais concluíram que precisam auxiliar a organização de estudos em casa e dar um monitoramento, mesmo que seja depois do horário de trabalho, isto é quando os pais chegarem a casa. Juntos, os pais montaram uma tabela (em anexo), onde seus filhos irão registrar os horários que utilizam para fazer tarefas e estudar para as provas. Deverá inserir também todos os seus compromissos fora da escola (aulas de inglês, informática, música, projetos da escola...). Assim irá aperfeiçoar sua agenda.

### **3° ENCONTRO: Como acompanhar os filhos na aprendizagem escolar.**

Muitos pais ainda esbarram no dilema “Como acompanhar os filhos na aprendizagem escolar”, pois se sentem inseguros nesta função. Segundo Paro (2000, p. 33), os professores pretendem que a família dê continuidade à educação oferecida na escola, principalmente auxiliando as crianças nos deveres escolares, o que ele domina como uma continuidade de mão única, enquanto os pais, embora cheguem a conceber a escola como a segunda família, vivenciam “a timidez diante dos professores, o medo da reprovação dos filhos e a distância que sentem da cultura da escola”.

Assim neste encontro, destacamos a importância das tarefas de casa, enviadas pelo professor, utilizando textos no data show:

A tarefa de casa é uma estratégia de ensino mais utilizada no mundo, estas tarefas prescritas pelo professor aos seus alunos para completar, preferencialmente, fora do horário letivo (COOPER, 1989b; 2001).

A realização das tarefas escolares de casa possibilita ao aluno o tempo e a experiência necessários à maturação das matérias e assuntos aprendidos na escola, ao seu ritmo e sem os constrangimentos que, por vezes, o ritmo das aulas impõe (Villas-Boas, 1994). A tarefa de casa revela-se como

um processo complexo cujo alcance ultrapassa o perímetro da escola, invadindo o ambiente físico e familiar de cada aluno.

O estabelecimento de bons hábitos de estudo, a organização e gestão de tempo, a responsabilização pessoal, a promoção da autonomia e o controle do tempo destinado aos estudos em casa, são objetivos das tarefas em casa, e que tão somente serão alcançados em uma estreita colaboração e entendimento entre professores, alunos e pais (COOPER, 2001).

Utilizei também para este encontro um texto de PAROLIN extraído do Caderno Pedagógico- Família Escola: Em Busca do Sucesso Escolar, de autoria de Arilda da Luz Moletta (et. al.), 2010:

“Quando um aluno apresenta uma tarefa para seu professor, ou deixa de apresentá-la, ele será avaliado não apenas no que conseguiu desenvolver sob a ótica das habilidades, mas todo o entorno que compõe uma tarefa: compromisso, discernimento, adequação de resposta, entre outros aspectos. O resultado final é importante, porém o processo em que foi executado é, igualmente importante” (PAROLIN, apud Moletta, et. al., 2010, p. 09).

Assim o papel da família também é de suma importância no que diz respeito às horas de estudos e as tarefas de casa, relacionadas à aprendizagem acadêmica, portanto a família deve dar apoio, criar hábitos de estudos, estabelecendo rotinas, dando suporte material e emocional, para que o filho/aluno aprenda a pensar e a resolver problemas.

Foi dividida a lousa em duas partes, um apresentava o 1º item da discussão: **Como acompanhar os filhos na aprendizagem escolar**. O 2º item: **Organização dos trabalhos escolares**. Assim os pais puderam contribuir escrevendo na lousa as suas experiências, que foram compartilhadas e aprimoradas, pelo grupo. As discussões foram proveitosas, pois as experiências que foram positivas, ou seja, que apresentaram um bom

resultado, estas os pais acataram para si. Com o direcionamento dado, as contribuições nortearam as discussões. Alguns pais estavam com um bloco de anotações para poder registrar tudo. Ficou assim estabelecido para a família:

<b>Como acompanhar os filhos na aprendizagem</b>	<b>Organização dos trabalhos escolares</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- participar das reuniões propostas pela escola, sempre que convocado;</li> <li>- observar as anotações dos conteúdos trabalhados, no caderno de classe;</li> <li>- Solicitar as avaliações para assinar tomando conhecimento da situação de aprendizagem;</li> <li>- separar uma agenda para recados: escola x casa e vice versa;</li> <li>  Não permitir faltas desnecessárias;</li> <li>- Ligar para a escola de vez em quando, para tomar conhecimento da situação de aprendizagem e comportamento de seu filho;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Auxiliar seu filho a organizar um horário de estudos em casa;</li> <li>- providenciar um calendário grande para marcar dias de: avaliações e entrega de trabalhos;</li> <li>- supervisionar e auxiliar nos estudos e tarefas de casa;</li> <li>- repor material escolar se necessário</li> </ul>



#### **4° ENCONTRO: Bullyng Escolar pode ter origem em casa.**

Este encontro foi realizado através de uma apresentação no data show, sobre o que significa BULLYNG, e como e onde se manifestam. Ainda foi exposto que no ambiente familiar também pode ocorrer e, sem intenção acabamos rotulando nossos filhos, e os apelidos que criamos ultrapassam para o ambiente escolar, causando, muitas vezes constrangimento para alguns alunos, podendo interferir no processo da aprendizagem. Os pais se posicionaram, refletindo sobre o assunto tratado, e alguns não tinham noção da gravidade do problema BULLYNG.

#### **5° ENCONTRO: Porque os filhos precisam dos pais.**

Tratamos deste assunto primeiramente refletindo no saber, que a família é o berço da educação, pois é nesta “célula” família que a criança aprende os primeiros conceitos na vivência com seus familiares. Que as crianças precisam encontrar na família segurança para seu desenvolvimento, precisam estar cercadas de amor e estabelecer, no convívio com o adulto, os limites necessários para uma vida em sociedade. Apoiamo-nos em um texto retirado da obra de CAMPBELL e CHAPMAN- **As cinco linguagens do amor das crianças** – Resumo da apostila: Interação Família- Escola- Departamento de Educação da EUL- Prof. Juarez Gomes. (em anexo).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Toda a pesquisa que norteou os estudos sobre a família vem afirmar que a interação família- escola é fundamental para o processo ensino aprendizagem.

A escola se relaciona com a família prioritariamente no sentido de uma exigência de complementaridade, com relação às suas expectativas e através das suas atribuições de responsabilidade, por suas próprias

dificuldades. Não parece haver um movimento sistemático no sentido de se buscar compreender a realidade vivida pelos alunos e suas famílias.

A relação família escola ainda encontra barreiras criadas por elas mesmas,; para isto, nós educadores precisamos considerar a família como parte importante no processo ensino-aprendizagem, dando abertura à participação efetiva dos pais, pois se verificou que o que é desejável à escola é igualmente à maioria das famílias.

Não é possível deixar de lado o fato de que os professores são elementos chaves no processo ensino-aprendizagem e, portanto das relações escolares, incluindo aquelas relativas ao relacionamento escola-família, pois estudos têm mostrado que os conhecimentos, crenças e metas dos professores determinam em parte o que fazem no contato com os alunos (CLAUDIM E Connelly, 1998, p. 96-104) e isso repercute no modo como se relacionam com seus familiares. Pode-se dizer que estes profissionais agem co base em percepções sobre o que está acontecendo à sua volta, o que, dependem do contexto em que atuam (SCHOENFELD, 1997, p. 115-118). Dada a formação profissional que têm os professores e atendendo as funções que a escola tem na sociedade, as tentativas de aproximação e de melhoria das relações com as famílias devem partir, preferencialmente, da escola.

Com a aproximação os professores podem passar a ter maiores informações a respeito de quem são os alunos, suas famílias, sua cultura, sua vida cotidiana, o que em ultima instância favorece a organização do trabalho a ser desenvolvido em benefício dos alunos e da comunidade, criando entre outras coisas, uma atmosfera que fortaleça o desenvolvimento e a aprendizagem da criança nesses dois ambientes socializadores. Entretanto é possível que isto represente, para alguns professores, uma “ameaça” `a sua profissionalidade, pois poderiam sentir que estão sendo destituídos de sua competência e de seu papel de ensinar.

Por outro lado, a presença e participação dos pais na escola não podem e não deve significar uma desresponsabilização dos professores para com a aprendizagem dos alunos e do governo com o financiamento da educação. Os pais podem e devem envolver-se com o processo escolar de

seus filhos e exigir que a escola cumpra o papel que lhe cabe na educação das crianças sem descaracterizar a especificidade dos papéis que cada instância deve exercer. Relações mais estreitas com a escola podem ajudar os pais a compreender melhor o trabalho realizado pela escola, a se envolverem, na medida das suas possibilidades, no processo educacional de seus filhos, trabalhando de forma consoante com a necessidade educativa da vida e da participação do mundo atual.

Os pais que dispuseram de tempo para participar da “Escola de Pais”, implantado pelo Professor PDE, puderam exercitar seus conhecimentos e conseguir conhecimento novo em relação à educação de filhos/alunos. Em todos os encontros os pais demonstraram interesse pelos assuntos trabalhados. Os alunos incentivavam seus pais a estarem presentes, através dos convites entregues, pois para eles, os pais na escola era motivo de orgulho.

Esta experiência proporcionada pela Escola de Pais vem consolidar a importância da interação família-escola, para o processo ensino-aprendizagem que contribui para a qualidade do ensino público. Pode-se implantar a Escola de Pais em todas as instituições educacionais, esta nova relação exige da escola e da família: compromisso, confiança e vínculo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. F. **O Antigo E o Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1990.

BARTHOLO, M. H. **Relatos do Fazer Pedagógico**. Rio de Janeiro: NOOS, 2001.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Brasil.

CANDAU, V. M<sup>a</sup> F.(org). **Sociedade, Educação e Cultura(s)**. Questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHAPMAN, Gray e CAMPBELL, Ross. **As Cinco Linguagens do Amor das Crianças**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

COOPER, H. Synthesis of Researche on Homework Educational Leadership.In: GOMES, Juarez. **Apostila Interação Família-Escola** DEp. UEL, 2008.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Psicologia, educação e LDB: novos desafios para velhas questões? In: GUZZO,R.S.L.(Org). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas: Alínea,1999, p. 19-34.

DEMO, Pedro. **Participação é Conquista**: noções de política social participativa. São Paulo: Cortez, 1993.

GOMES, Juarez. **Interação Família- Escola**. Departamento de Educação: curso I, Londrina: UEL, 2008.

FROMM, Erich. **A Arte de Amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KORCZAK, Jansz. **Como Amar Uma Criança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Trad. Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

OLIVEIRA, M. C. **Família, Escola e Participação. Educação.** Porto Alegre, n. 37, p. 151-176, 1999.

OUTERIEL, José. **Adultos Modernos e Adolescentes pós-modernos.** In: Geração Delivery: adolecer no mundo atual. (WEINBERG, Cibelle. Org.). São Paulo: Sá Editora, 2001.p. 97-114.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública.** São Paulo, Àtica, 1998.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática: participação da comunidade na escola.** Nosso Fazer, Curitiba, ano 1, n.9,ago.1995, p.1.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino. A contribuição dos pais.** São Paulo: Xanã, 2000.

PAROLIN. Isabel. **Professores Formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem.** In: ARILDA, L. M. et al. **Caderno Pedagógico-Família e Escola: Em Busca do Sucesso Escolar.** PDE-UNICENTRO, 2010.

PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Função Social da Escola** In: FISCHMANN, R.(org.). **Escola Brasileira: temas e estudos.** São Paulo: Atlas, 1987.

PRADO, D. **O que é Família.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1985.

ROGOFF, B. **Aprendices del pensamiento.** Barcelona: Paidós, 1993.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação e política.** 36.ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

SEVERINO, A. J. **O Projeto Político Pedagógico: A Saída Para a Escola.** In: **AEC, Revista de Educação. Para Onde Vai a Escola?** n.107, a. 27, abr./jun. 1998.

SCHOENFELDER, A. H. **Toward a theory of teaching.** In: GOMES, Juarez. **Apostila Interação Família-Escola.** DEp. UEL, 2008.

SOUZA, P.N.P.; SILVA, E.B.da. **Como entender e aplicar a Nova LDB.** São Paulo: Pioneira, 1997.

SZYMANSKI, Heloisa. **A Relação Família Escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Ed. Plano, 2001.

VASCONCELOS, C. Relação Escola-Família: da acusação à interação educativa. In: **AEC, Revista Educativa. Família e Escola: sentido e relações**, n. 93, a. 23, out./dez. 1994.

WALLON, Henri P. H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975

VILLAS-BOAS, M. A.(1994). A relação, escola família inserida na problemática das reformas curriculares. In: *Revista ESES*, 5, Janeiro, 12-15.